Da Preexistência a 1900

Renato da Gama-Rosa Costa
Alexandre Jose de Souza Pessoas

Benedito Tadeu de Oliveira (coord.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, R. G. R., and PESSOA, A. J. S. Da Preexistência a 1900. In.: *Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos* [online]. Coordinator Benedito Tadeu de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, pp. 20-37. História e saúde collection. ISBN: 978-65-5708-113-6. <https://doi.org/10.7476/9786557081136.0004>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

DA PREEXISTÊNCIA A

1900

Até 1904

- 01 Chaminé
- 02 Forno de incineração de lixo
- 03 Depósito do incinerador
- 04 Barracão para animais
- 05 Depósito
- 06 Depósito
- 07 Gaiola para macacos

- 08 Gaiola para cobras e cobaias
- 09 Pequeno laboratório Instituto Soroterápico
- 10 Sede do Instituto Soroterápico
- 11 Cocheira Instituto Soroterápico
- 12 Antiga Cavalaria
- 13 Barracão para operários
- 14 Cocheira

- 15 Residência para funcionários
- 16 Depósito
- 17 Pesqueira
- 18 Cais
- 19 Biotério

RIO DA CUNHA

BASE CARTOGRÁFICA: LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAFÉTICO IPP/PCRJ
PLANTA DO INSTITUTO DE MANGUINHOS - 1904
CARTA CADASTRAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - 1908
PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DO INSTITUTO SOROTERÁPICO - 1900/1903 (ARAGÃO - 1950)

ESTRADA DA PENHA (AVENIDA DEMOCRÁTICOS)

PARADA DO AMORIM

LEOPOLDINA RAILWAY

RIO FARIA

ESTRADA DE MANGUINHOS

RIO FARIA

CANAL DA BARRINHA

ILHA DO BOM JARDIM

BAÍA DE GUANABARA

PORTO DE INHAÚMA

PRAIA DE INHAÚMA

- Terreno da Fiocruz
- Edificações preexistentes
- Edificações construídas entre 1900 e 1904
- Edificações em construção

16
18

14
15
17

01
02
03
04
05
06

13
20

07
08
09
10
11
12
19
21
22
23
24

Barão de
Pedro Affonso
Diretor do Instituto
Soroterápico
Federal
de 23 de julho
de 1900 a
dezembro de
1902.

O atual *campus* da Fundação Oswaldo Cruz, localizado no bairro de Manguinhos,⁵ no município do Rio de Janeiro, possui aproximadamente 850.000 m² e tem seus limites definidos pelas avenidas Brasil e Leopoldo Bulhões, pela Rua Sizenando Nabuco e pelo Rio Faria Timbó, com uma extensão correspondente às instalações da antiga Delegacia da Saúde, situada no lado par da Avenida Brasil.

A área onde se localiza Manguinhos era habitada, no início do século XVI, pelos índios tupinambás que deram o primeiro nome à terra: Anhumas ou Inhuma, corruptelas de *nhãum*, que era a ave preta com um chifre pontiagudo sobre a cabeça, muito comum naquela região pantanosa.⁶ Em 1565, ano da fundação da cidade do Rio de Janeiro, Estácio de Sá (o fundador) concedeu duas sesmarias na atual região de Manguinhos: a dos Jesuítas que deu origem à Fazenda do Engenho Novo, e a de propriedade de Antônio da Costa, que criou o futuro Engenho da Pedra. O Engenho da Pedra abrangia os atuais bairros de Manguinhos, Olaria, Bonsucesso e Ramos.⁷ A partir daí até o século XVIII,

Primitivas instalações da
Fazenda de Manguinhos,
adaptadas por
Pedro Affonso para
o Instituto Soroterápico Federal.
(DAD/Fiocruz)

⁵ O *Jornal do Commercio* de 26 de fevereiro de 1915 noticiava: "Dizem chamar-se Manguinhos por ter sido um lugar favorecido, isto é, de poucos mangues, naquela vasta área pantanosa que era toda a margem da Leopoldina, até então ocupada por um ou outro sitiante, que aproveitavam os trechos de chão firme para plantar frutas como melancia, figo e fruta-do-conde" (Acervo DPH/COC, Fiocruz).

⁶ Em *Almanaque Suburbano* (1941:50-51): da toponímia, Theodoro Sampaio diz: "Inhaúma, corruptela de 'nhamum', ave preta (*Palmidia Cornuta*)". Vieira Fazenda, em crônica magistral com exaustiva documentação, esclarece que essas aves preferiam lugares pantanosos.

⁷ Benchimol (1990).

Cais original. O acesso de parte dos funcionários e do material para a construção do Pavilhão Mourisco era feito por ele. (DAD/Fiocruz)

predominaram naquela região as lavouras açucareiras voltadas para a exportação; o produto ia pelos rios Faria, Jacaré e Timbó em canoas e em pequenas embarcações para os portos. Na região passou-se a cultivar também milho, feijão, mandioca, arroz e outros gêneros de subsistência para abastecer os viajantes e o porto do Rio de Janeiro, onde o comércio aumentava cada vez mais.⁸ A região

chamada de Inhaúma só tornou-se paróquia em 1687, e foi transformada em freguesia autônoma de Inhaúma em 1743.⁹

De fins do século XVIII até meados do século XIX, a freguesia de Inhaúma acompanhou o ciclo do café, e a partir de 1870, com o acelerado processo de urbanização que deu origem aos diversos subúrbios da Zona Norte, começou a ser loteada para fins residenciais.¹⁰

⁸ Pelo relatório elaborado pelo Marquês do Lavradio em 1779 pode-se constatar que havia na capitania do Rio 320 engenhos de açúcar e 176 engenhocas de aguardente, trabalhados por um total de 13.487 escravos. Desse total de engenhos, quatro estavam na Freguesia de Inhaúma e treze na freguesia de Irajá. [p.83 da tese Mapa da Localização dos Engenhos de Açúcar na cidade do Rio, 1767, de Manoel Vieyra Leão].

⁹ O *Almanaque Suburbano* (1941:50-51) relata a constituição da paróquia de Inhaúma em 1687 e seu desenvolvimento econômico no século XIX. No Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ), códice 68-13-15, folhas 2, 3 e 13, de 1833, folhas 28 e 31 de 1866 e folhas 52 e 53 de 1904, encontram-se notícias sobre as divisões e os limites da freguesia de Inhaúma. Em 1904, a freguesia de Inhaúma compreendia os bairros Engenho de Dentro, Encantado, Piedade, Cupertino, Cascadura, Pilares, Freguesia, Bonsucesso, Ramos e Xavier.

¹⁰ Após a Proclamação da República, em 1889, com a formação de um Estado efetivamente laico, o termo 'freguesia', que era a divisão regional das paróquias da Igreja Católica, deu lugar à expressão 'bairro'.

No último quartel do século XIX, a freguesia de Inhaúma era percorrida por várias ferrovias: pela Estrada de Ferro D. Pedro II, atual Central do Brasil, inaugurada em 1858,¹¹ pela Estrada de Ferro Melhoramentos do Brasil, inaugurada em 1893 e mais tarde incorporada à Central como linha auxiliar, pela Rio D'Ouro, concebida em 1876, mas que começou a funcionar apenas em 1883¹² e ainda pela Cia. Leopoldina Railway, vetor de crescimento e expansão do subúrbio da capital federal e que construiu na região as estações de Penha, Bonsucesso e Ramos em 1886. A expansão em direção à região norte prosseguiu com as estações de Lucas, daí o nome que persiste, 'Parada de Lucas' em 1908 e Vigário Geral em 1910.¹³ A parada do Amorim também só foi oficializada como estação em 1910, muito provavelmente devido ao fluxo de pessoas que seguiam para as obras e os laboratórios do *campus* de Manguinhos e que solicitavam uma parada nessa região. O tempo médio de viagem entre a estação de partida, Leopoldina, e a estação do Amorim era de 11 minutos.

Importante para a região era a estrada que dava acesso ao porto de Inhaúma, por onde escoavam os produtos agrícolas produzidos nas freguesias rurais de Inhaúma e Irajá e que abasteciam o mercado da cidade do Rio de Janeiro.¹⁴

Em 1885, Luiz Joaquim Estrada Meyer e Frederico Duque Estrada Meyer venderam uma propriedade em Inhaúma, já designada como Fazenda de Manguinhos, a Dona

¹¹ Primeira ferrovia do País e elo de ligação do Município Neutro da Corte com as províncias de Minas Gerais e São Paulo.

¹² Como vetor de transporte material para as obras de construção da nova rede de abastecimento de água da cidade do Rio de Janeiro, captada em mananciais da Serra do Mar, em Tinguá e Xerém, e posteriormente utilizada como transporte de passageiros.

¹³ Santos (1996).

¹⁴ No AGCRJ, código 32-2-1, p.105, 106 e 109, encontram-se notícias da construção, entre os anos de 1880 e 1885, da estrada do porto de Inhaúma.

Alexandrina Rosa de Carvalho. Em 1892, a fazenda, já em completo estado de abandono, foi desapropriada pelo governo de Floriano Peixoto.

Em consolidação das leis e posturas municipais, Alexandrino Freire do Amaral relata a aquisição do terreno pela Prefeitura, local onde se estabeleceu a Fundação Oswaldo Cruz:

O terreno Municipal em que se acha situado o laboratório para o preparo do soro contra a peste bubônica foi desapropriado pela Prefeitura a D. Alexandrina Rosa de Carvalho, ex ví do decreto federal n. 1.141 B de 18/11/1892.

A Municipalidade foi mandada immitir na posse do terreno, por sentença do juiz dos feitos da Fazenda Municipal de 8 de março de 1893, mandada cumprir em 22 de agosto do mesmo anno; tendo sido indenizada a ex-proprietária do preço da avaliação arbitrada, em oitenta contos de réis, em 19 do referido mez de agosto.

O terreno que constituía a denominada Fazenda de Manguinhos possui a área de 853.363,00 metros quadrados e uma extensão de 1.564 m, 96 pela estrada para o Porto de Inhaúma; medindo pelo lado do mar 1.339 m, e pelos Manguinhos, 1.115 m. É o que consta dos autos da desapropriação.

Pelos mesmos autos verifica-se que D. Alexandrina de Carvalho houve esse terreno por compra a Luiz Joaquim Estrada Meyer, conforme escriptura de 20 de novembro de 1855, em notas do tabelião Manuel Hilario Pires Ferrão, e a Frederico Duque Estrada Meyer, conforme escriptura de 27 de novembro de 1855, em notas do mesmo notário.

A Prefeitura adquiriu este terreno para nelle serem construídos fornos de incineração do lixo da cidade, pelo systema dos engenheiros Gierth e Lavagnino, preferido em concorrência pública pela Inspetoria Geral de Hygiene em 1887, e cujo privilégio no Rio de Janeiro foi adquirido pela administração municipal, conforme contracto de 19 de setembro de 1892, e pelo qual a firma constituída pelos engenheiros C. Arno Gierth e G. F. Lavagnino comprometteu-se também a executar uma bateria de fornos, conforme os planos approvados e sob a fiscalização da Directoria Geral de Obras e Viação.

Terminado o praso de dous annos, estipulado no termo cittado de 15 de maio de 1894 para a conclusão das obras, não estavam estas terminadas. Concederam-se aos contractantes sucessivas prorrogações até 31 de dezembro de 1896, e finalmente ficaram suspensos os trabalhos, por despacho do Prefeito, em 21 de fevereiro de 1899.¹⁵

O prefeito Cesário Alvim, em 22 de agosto de 1899, encarregou o Barão de Pedro Affonso, à frente do Instituto Vacínico Municipal desde 1894, de obter soros contra a peste bubônica. Diante da demora nos pedidos para a França e a Alemanha, o Barão resolveu criar um Instituto Soroterápico dentro da cidade do Rio de Janeiro, anexado ao seu Instituto Vacínico. Autorizada a despesa em 19 de outubro do mesmo ano, após o surgimento da peste em Santos, ele mesmo começou a procurar o local para a instalação do novo instituto.

Depois de percorrer as ilhas da Baía de Guanabara e a Quinta da Boavista, o Barão de Pedro Affonso escolheu Manguinhos, pelo seu isolamento dos centros populosos e por sua fácil comunicação por mar e por terra. Em vista da urgência o próprio Barão fez as primeiras modificações.

Dous barracões para carruagens.

Dous ditos para depósito de ferramentas.

Galpão para officina de carpintaria e cozinha do pessoal operário.

Barracão para lazareto de isolamento. Esta e as cinco construções precedentes cobrem uma área de 461 m².

Galpão para estrebaria, com 57 m² de área.

Galpão para a ferraria, com a área de 99 m².

Casa de machinas, com 171 m² de área.

Ponte de atracação, de madeira, com mólhe de pedra e guindaste giratório, tendo a extensão total de 110 m.

Officina anexa à casa de machinas, com a área de 107,25 m².¹⁷

Para iniciar os trabalhos, o Barão de Pedro Affonso convidou Ismael da Rocha, Oswaldo Cruz e H. Vasconcellos, dois alunos de medicina e um veterinário da Europa, autorizado pelo Governo. Em 10 de dezembro de 1899 o Barão partiu para a Europa, deixando em construção as obras dos laboratórios, fiscalizadas pela prefeitura, a fim de conseguir o material necessário. Voltou em 28 de fevereiro de 1900 com todo o material de que precisaria e trouxe contratado o veterinário bacteriologista francês Carrière, recomendado por Émile Roux, professor do Instituto Pasteur em Paris. Mas o prefeito era agora Coelho Rodrigues, que havia cortado qualquer verba para o Instituto. Nuno de Andrade, então Diretor da Saúde Pública, auxiliou o Barão a encaminhar um pedido ao Ministro do Interior, Epitácio Pessoa, carta que obteve resposta no ofício nº 490 de 25 de maio de 1900, autorizando a conclusão da instalação do Instituto. O Barão reiterou os convites de trabalho aos cientistas, mas tanto Carrière quanto Ismael da Rocha rescindiram o contrato. Oswaldo Cruz se ofereceu para ser o encarregado de todo o trabalho para o qual faltavam esses cientistas.

No ano de 1899 apareceram notícias sobre a retomada das construções e reformas dos edifícios da antiga Fazenda de Manguinhos.

Implantação original do Instituto Soroterápico do Barão de Pedro Afonso. A construção longilínea, um biotério para pequenos animais, que aparece ao centro, foi a primeira intervenção de Luiz Moraes Jr. e serviu como balizador para as obras do futuro núcleo do Instituto. A construção à direita, uma estrebaria, resistiu até meados da década de 30. (DAD/Fiocruz)

Autorizado pelo artigo 37 da lei orçamentária de 4 de janeiro de 1899, o Prefeito Dr. Cesario Alvim abriu um crédito extraordinário e especial de 90 contos de réis a fim de subvencionar o illustre brasileiro dr. Pedro Affonso Franco na criação e custeio, nesta capital, de um laboratório para o fabrico de sôro anti-pestoso, ficando annexo ao Instituto Vaccinico Municipal.

(...) Em 21 de outubro de 1899 foi aceita a proposta da Companhia Edificadora para a execução das obras de adaptação, e com a mesma empresa lavrou-se o respectivo contracto pela quantia de 52.000\$; devendo o forno para a incineração dos animais utilizados ser construído administrativamente pela Directoria de Obras.¹⁸

Nesse período, a Cia. Edificadora Nacional contratada pela prefeitura do Distrito Federal foi autorizada a usar nas obras de adaptações das construções do Instituto Soroterápico o granito da região, posteriormente utilizado por Oswaldo Cruz na construção do Conjunto Arquitetônico de Manguinhos.¹⁹

O Decreto oficial de 25 de maio de 1900 marca o nascimento da instituição.²⁰ O decreto não apenas autorizava, por parte do Governo Federal, a conclusão das obras iniciadas por Pedro Affonso em Manguinhos no ano anterior, como também transferia suas instalações, até então pertencentes ao Instituto Vacínico, de alçada municipal, para a responsabilidade da Federação, com o nome de Instituto Soroterápico Federal. Até 9 de dezembro de 1902, Pedro Affonso acumulou a direção dos dois institutos, até que Oswaldo Cruz assumiu a direção do Soroterápico.

BARÃO DE PEDRO AFFONSO
Director proprietario
DO
Instituto Vaccinico do Rio

¹⁸ Amaral & Santos (1906:319-320).

¹⁹ AGCRJ, Manuscritos, Códice 48-4-19: Folha 85, de 02/12/1899.

²⁰ O livro *O Instituto Oswaldo Cruz*, de Ezequiel Dias, lançado em 1918, considera o início da Instituição em 1899. Oficialmente adotou-se o decreto de 25 de maio de 1900.

Início da construção da Cavalariça. A estrebaria, à direita, ocupou o lugar de uma edificação que comporia a futura Praça Pasteur, mas que não foi realizada. À esquerda o Instituto Soroterápico, funcionando ainda sob a administração de Pedro Afonso. (DAD/Fiocruz)

Documentação sobre a ocupação do terreno e início das atividades do Instituto. (AGCRJ)

Os laboratórios de Manguinhos, inaugurados oficialmente em 23 de julho de 1900, foram instalados sobre duas colinas, distantes uma da outra cerca de 500 m. Na colina mais alta localizava-se o laboratório para a fabricação do soro antipestoso, ao passo que na outra, o laboratório para a cultura e o preparo. O laboratório principal era composto de uma casa central e outras construções interligadas.

Sobre a casa central, temos a descrição de Henrique Aragão:

Uma casa térrea quase nada elevada do solo na qual, à entrada, voltada para o lado da estação da Leopoldina, havia uma estreita varanda à esquerda da qual se via um grande autoclave a carvão, para as esterilizações volumosas, e à direita um alambique para destilação de água. Dessa varanda passava-se à sala de trabalhos gerais, relativamente ampla, da largura do prédio.²¹

O acesso terrestre ao Instituto se dava através da estrada de Manguinhos, que fazia a ligação até a estação do Amorim da Estrada de Ferro Leopoldina Railway.

Apesar de isolado, o acesso ao centro da cidade era facilitado pelo transporte marítimo, como revelam documentos da época. Ezequiel Dias, entretanto, afirmava:

Com a via marítima quasi não se podia contar, porque o estabelecimento não tinha lancha a vapor, servindo-se apenas (...) de uma das embarcações pertencentes à repartição da pesca (...). Era, no entanto, um meio pitoresco de transporte (...). O caminho habitual era o terrestre. Diariamente, tomava-se o trem das 10:30h na praça da República, o qual em 20 minutos ia até 'São Francisco Xavier', (...) cujo comboio suburbano ia em 10 minutos à parada do 'Amorim'. Ahi esperavam os médicos um servente com 2 cavallos de sella; para estudantes não havia condução.²²

No fim do século XIX, o terreno da antiga fazenda de Manguinhos, onde estava sendo criado o Instituto Soroterápico Federal, possuía uma área equivalente ao atual *campus* da Fiocruz, 85 hectares. Ele era cortado pela Leopoldina Railway e tinha como limites o mar, o rio Faria e a estrada do Porto de Inhaúma.

²¹ Aragão (1950:8).

²² Dias (1918:9).

Laboratório principal com varanda, onde os funcionários e cientistas faziam suas refeições. (DAD/Fiocruz)

Interior do laboratório principal do Instituto Soroterápico Federal. (DAD/Fiocruz)

1900

Primitivas instalações
para um Biotério
para pequenos animais.
(DAD/Fiocruz)

Biotério para pequenos animais, primeira intervenção do engenheiro-arquiteto Luiz Moraes Jr. no Instituto. Embora tenha servido como balizador das futuras obras, teve vida curta.
(DAD/Fiocruz)

Planta de implantação do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos original de Luiz Moraes Jr.
 As novas instalações de Oswaldo Cruz seriam superpostas às adaptadas pelo Barão de Pedro Affonso. (DAD/Fiocruz)